

REFLORESTAR A CIÊNCIA: DIVULGAÇÃO DE PESQUISADORIES INDÍGENAS

BRENDA ARAUJO VULCANI¹; ISABELLA ALVES GUIMARÃES²; LOREDANA RIBEIRO³.

¹*Universidade Federal de Pelotas – bre.araujo.vulcani@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – bellaaguimaraes@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – loredana.ribeiro@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O projeto de extensão AMAA (Acervo Multimídia de Arqueologia e Antropologia) tem por objetivos conjugados a divulgação científica e a instrumentalização da educação crítica, disponibilizando, através de um portal de internet, o www.amaacervos.com.br, textos paradidáticos, mostra de peças arqueológicas, vídeos, planos de aula e ciberexposição. Sua criação foi motivada também por demandas de docentes da rede local de escolas de ensino fundamental e médio que frequentemente procuravam o LEPAARQ/UFPEL (Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia) em busca de informações e materiais de apoio ao ensino obrigatório de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena, determinados pelas Leis Federais 10.639/2003 e 11.645/2008. Nesse sentido, o AMAA tem por vocação a difusão, socialização e o compartilhamento de saberes, vivências e pesquisas, a fim de favorecer a apropriação crítica desses conhecimentos por atoras e atores sociais, evidenciando o lugar da dúvida e dos questionamentos sobre as identidades, os ambientes, a cultura material e o patrimônio.

Em 2024, a prática extensionista do AMAA focou na pesquisa, sistematização e divulgação de trabalhos acadêmicos indígenas através do Instagram @amaacervos. O Instagram é considerado a terceira rede social mais usada no Brasil¹, com um potencial de divulgação científica crítica substancial. O Instagram é uma plataforma de rede social virtual que se comunica, sobretudo, verbo-visualmente, por meio da conjugação de texto e imagem. Destacando o compromisso antirracista do AMAA, a proposta de divulgar pesquisadories

indígenas tem como objetivo "reflorestar" a imaginação científica e engajar o aprendizado a partir de perspectivas indígenas na ciência brasileira, em especial, na Arqueologia e Antropologia.

2. METODOLOGIA

Para explorar o potencial de divulgação científica e educação virtual oferecido pelo Instagram, nossa estratégia foi produzir narrativas em *cards* com colagens, grafismos e textos, aspectos gráficos que compõem uma narrativa verbo-visual sintética.

A produção envolveu quatro etapas para garantir a eficácia e a atratividade das publicações: (1) Pesquisa e mapeamento de pesquisadores e pesquisas indígenas no Brasil, em especial, com produção de TCCs, dissertações e teses defendidas nos últimos 10 anos. Os resultados foram listados em uma planilha Excel com 37 autores até o momento; (2) Organização de um calendário de postagem. O processo de planejamento dos conteúdos tem como intuito estabelecer os padrões informativos e educacionais de cada *card*, auxiliando assim na estruturação do card, como, título, texto, imagens e elementos gráficos. As publicações ocorreram através de planejamento prévio na página do AMAA para assegurar uma divulgação contínua e organizada, sendo toda terça e quinta-feira ao meio dia (12 horas), estas datas e horários também foram decididos meio a avaliação de engajamento, ou seja, momento em que os usuários estão mais ativos e interativos na plataforma, levando em consideração a probabilidade de variação dos mesmos. (3) Levantamento de mini-biografias dos autores selecionados, com indicação de áreas de atuação, pesquisas e contribuições acadêmicas. (4) Design e criação das publicações. A seleção dos conteúdos visuais prioriza imagens onde as pessoas representadas apareçam nitidamente e em alta qualidade, com os *cards* sempre ornados com grafismos indígenas. A paleta de cores utilizada acompanha a identidade visual do projeto.

A incorporação do grafismo indígena obteve forte influência na construção dos cards, pois é uma forma gráfica de expressão linguística que expressa a cultura, a espiritualidade e o cotidiano dos povos indígenas no Brasil. Composto por padrões geométricos, o grafismo carrega significados, comunicando narrativas de origem, crenças e a relação do povo com suas cosmovisões. Cada povo desenvolve sua própria narrativa por meio dos grafismos,

comunicando sua cosmovisão, suas crenças, valores e modos de interação com o mundo (Ailton KRENAK, 2019; Lux VIDAL, 2000, Berta RIBEIRO 1996; Alexandrina da SILVA, 2015).

Para a indígena Guarani e educadora Alexandrina da Silva (2015:22), um aspecto importante sobre os grafismos é a sua permanência e suas mudanças, as línguas e linguagens indígenas são vivas. Alexandra afirma: "Símbolos, que foram sagrados para nossos ancestrais, nunca serão modificados, apenas está sendo recriada ou reproduzida". Os grafismos criados pelos ancestrais permanecem como uma conexão e fonte de ensinamento, sem impedir a produção e recriação de novos grafismos que contam histórias contemporâneas. As maneiras de comunicar e expressar suas histórias são dinâmicas, isso também está presente na reivindicação antirracista das pesquisadoras indígenas pesquisadas. O imaginário racista compreende o "ser indígena" como estereotipado, como o índio que aparece no dia 19 de Abril, com cabelo tigelinha, saia de fios de palha e cocar colorido na cabeça. O trabalho e a (re)existência de pesquisadoras e pesquisadores indígenas na ciência consistem em enfrentar, através das diversas áreas do conhecimento, a complexa e múltipla existência dos povos indígenas no Brasil. Assim como seus grafismos, as formas de se relacionarem com suas identidades indígenas são constantemente reformuladas e recriadas, reafirmando a presença viva de seus corpos coletivos.

Nesse sentido, a inclusão dos grafismos torna cada publicação única, destacando as particularidades dos autores. Dentro disto, a busca por grafismos na construção dos cards representa uma ação importante de valorização e respeito à diversidade. Esta metodologia de incorporação do grafismo aos cards no instagram não apenas divulga as produções dos acadêmicos, mas também celebra a vida e existências dos povos indígenas.

3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS

Até o momento já foram produzidos cards de divulgação sobre 17 pesquisadoras indígenas: Laísa Arlene Sales Ribeiro; Bibi Nhatarâmiak Borum-kren; Felipe Sotto Maior Cruz Tuxá; Francineia Bitencourt Fontes; Luiz Eloy Terena; Walderes Coctá Priprá; Célia Nunes Correa; Yvoty Rendyju; Roque Yaxikma Wai Wai; Geni Núñez; Jaime Xamen Wai Wai; Julie Stefane Dorrico Peres; Eliene dos Santos Rodrigues - Putira Sacuena; Ana Carolina Arapiun;

Marcia Mura; Bárbara Flores Borum-kren; Emanuel Kaauara. As disciplinas científicas abrangidas são arqueologia, antropologia, linguística, biomedicina, psicologia, direito, ciência política, desenvolvimento sustentável, sociologia, educação e história.

Os impactos são observados por meio do demonstrativo de aumento das atividades do perfil (+151%), visitas ao perfil (+143%) e alcance de contas (+347%). A página alcançou 372 interações entre seguidores (62,9%) e não seguidores (37,1%), sendo os cards as principais publicações de interação com: 287 curtidas, 29 comentários. 22 salvamentos e 3 compartilhamentos. Estes dados foram coletados por meio do registro pelo painel profissional do instagram no período entre a primeira e última publicação (22 de agosto à 25 de setembro).

4. CONSIDERAÇÕES

O projeto de extensão AMAA, ao focar na divulgação de pesquisadoras indígenas através do Instagram, alcançou significativos impactos. A iniciativa não apenas promoveu a visibilidade de importantes contribuições científicas, como também reforçou o compromisso antirracista do AMAA em difusão e socialização destes trabalhos, possibilitando “reflorestar” o referencial bibliográfico de estudantes e pesquisadoras com perspectivas diversas e enriquecedoras. Os resultados obtidos mostram a eficácia da estratégia de divulgação e a importância de seguir investindo em práticas que valorizem, respeitem e celebrem a diversidade na ciência brasileira.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. Editora Companhia das letras, 2019.

SILVA, Alexandrina. O Grafismo e Significados do Artesanato da Comunidade Guarani da Linha Gengibre. Monografia. UFSC, 2015.

VIDAL, Lux. Grafismo Indígena: Estudos de Antropologia Estética. Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

RIBEIRO, Darcy. Os índios e a civilização: A integração das populações indígenas no Brasil moderno. Editora Companhia das Letras, 1996.